

MIRADA ANDINA DE CARLOS PAZ

Ligia Karina Martins de Andrade (UNILA)¹

PAZ, Carlos Sánchez. *Los Ojos en Los Ojos*. Lima: Ed. Ángeles & Demonios, 2013, 194 p.

Los Ojos en los Ojos, de Carlos Sánchez Paz, pode entrar na lista das produções artísticas que seguem a sofisticação da consagrada *Escuela Cusqueña de Fotografía*. Esta escola artístico-literária que se forja na tradição indigenista do século XX prima pelo retrato das comunidades e do modo de vida dos povos andinos e indígenas da região andina, marcadamente dos países que contemplam os atuais Peru, Equador e Bolívia. Entretanto, como manifestação artística, esta escola ou tendência artística e cultural ultrapassa as fronteiras regionais e nacionais, sobretudo com o fenômeno do deslocamento dos sujeitos e suas consequências na percepção e interação com o espaço e o tempo real ou imaginário. No entanto, esta *Escuela* caracteriza-se pelo elemento local e pelo foco no homem das comunidades nativas andinas e sua cultura como modo de expressão captado pelo olhar artístico em busca de novas fontes de observação e inspiração.

Vale recordar que é ainda da referida *Escuela Cusqueña de Fotografía* que se origina, nos séculos XX e XXI, o legado de célebres fotógrafos e artistas, dos quais mencionaremos apenas alguns dos mais representativos a título de ilustração, tais como: Luis Alvina, Luis D. Gismondi, José Gabriel González e José Manuel Figueroa Aznar. Estes nomes gerariam novos e fecundos frutos na fotografia e nas artes do mundo andino, tais como a obra de: Martín Chambi, Crisanto Cabrera, César Meza, Eulogio Nishiyama, Horacio Ochoa, David Salas, Fidel Mora, Pablo Veramendi, Abraham Guillén e Avelino Ochoa.

Na obra em questão, o escritor, poeta e cineasta, também conhecido como Pasos Paz, apresenta aos leitores uma espécie de “registro testemunhal e

¹ Mestre e Doutora em Língua Espanhola pela USP. Atualmente é professora de língua espanhola na Universidade Federal de Integração Latino-americana (UNILA) e foi professora na UFAM (Manaus) de 2004 até 2013. E-mail: lkmadrade@yahoo.com.br.

documental” do mundo andino e seu não menos importante alcance em outras geografias, segundo o prólogo de Jorge Acurio Tito, e que corresponde predominantemente ao “corredor econômico” Lima-Apurímac-Cusco-Puno-La Paz. Este livro conta ainda com o apoio institucional do *Gobierno Regional de Cusco*.

A primorosa edição é resultado da editora Ángeles & Demonios, gerida pelo próprio autor, e que conta com uma importante *Revista* de caráter semestral. Esta publicação edita os principais autores peruanos contemporâneos, além de apresentar uma permanente revisão da produção artística e cultural local. Esta obra-prima apresentada abre-se às diversas linguagens em interação, por meio tanto das luzes e sombras projetadas pelo ensaio fotográfico, cuidadosamente selecionado, quanto pela poeticidade emanada dos poemas que exalam este universo andino de sonhos e memória. O caráter “documental” e “testemunhal” atribui-se ao retrato de cenas cotidianas que envolvem pessoas e personagens das comunidades e de um modo de vida peculiar ao homem andino, em sua condição de exilado ou não, situado num espaço e tempo entrecruzado por tradições e saberes milenares e modernos, passado e presente numa permanente projeção e reflexão sobre seu futuro e sua espera futura.

A interação entre poemas e imagens cria uma relação não apenas de complementação, mas própria do universo mágico e mítico andino e camponês regido pelo signo de harmonia dos contrários, em permanente oposição e complementaridade. Tal relação recria um mundo de “monstros” e de “fogo”, como diria o escritor José María Arguedas, o qual é citado no prólogo com as palavras que celebram sua origem mestiça e híbrida ao receber a homenagem na ocasião do Prêmio Inca Garcilaso de la Vega, em 1969: “Yo no soy un indio aculturado; yo soy un peruano que orgullosamente, como un demonio feliz habla en cristiano y en indio, en español y en quechua” (Arguedas 1996). O discurso completo foi publicado na obra póstuma do autor, segundo sua solicitação testamental. Pode-se dizer que esta filiação e sua duplicidade ecoam nos silêncios dos poemas, isto é, ecoam a língua quechua em permanente sintonia com o espanhol em suas nuances, melodias e sensações captadas pelo leitor atento nesta escuta e com o olhar aguçado diante das imagens e sua igualmente poeticidade.

Já o caráter universal fica por conta desta sensação de que os temas relevantes ao homem permanecem os mesmos ao longo do tempo, apesar das fases na vida e sua permanente mudança de estações, tais como: a vida, o sêmen, a morte e todos os elementos da natureza (água, ar, fogo, terra) em interação com o homem, sujeito condenado a significar e rememorar, ainda quando as palavras vacilam e falham diante do mistério da vida e dos olhares diante desta(s) vida(s). É também nos olhares que se captam instantes vividos ou que se deixaram de viver intensamente... olhares felizes, melancólicos, que se desviam ou encontram em outros olhares, vívidos ou cansados pelo tempo. Todos estes se refletem na lente do fotógrafo que capta um traço ou um gesto deste universo do homem andino, seja em sua região ou em outros espaços geográficos.

É por isto que fotografia e poemas complementam-se no livro, ou dizem coisas para além do encontro, convocando também o desencontro, opostos complementares presentes na tradição andina e indígena, como se mencionou, e o acaso específico das artes que interagem e se relacionam, mas sem deixar de lançar uma indagação ao

futuro leitor ou observador, invadido pela beleza e poeticidade das páginas folheadas.

A lente sensível do autor nos leva a trilhar por meio do mirar das personagens ou das pessoas flagradas nas cenas, e que compõem a própria mirada atenta do artista, um percurso de vida, um avesso da imagem, uma chama que o olhar revela ou apaga com o tempo. Esta presença temporal e espacial das fotografias e dos poemas coloca o observador como futuro vidente ou visionário de cenas e instantes intensos e únicos de modos de viver e de ser que a memória passada e futura projetam no presente a partir de efeitos específicos. A mencionada interação entre poema e imagem cria uma fusão propícia ao encontro e à contradição a ponto de não se saber se a imagem evoca o poema ou se é o poema que evoca a imagem. Pode-se considerar que o fotógrafo-poeta-artista busca a reflexão sobre a linguagem e seu limite, uma vez que fica claro que nem tudo se pode dizer e que nem tudo se pode ver, mas sim o jogo entre palavra e imagem, objeto e sujeito. O título da obra evoca para além da radicalidade das imagens-poemas, na verdade tangencia o encontro entre tempos, espaços e narrativas de vida que bem poderiam se sobrepor, apesar da singularidade sempre inquebrantável do eu, do outro e dos olhares que se tergiversam.

Além disto, o povo andino pode reconhecer-se nestes instantes poéticos e nesta beleza da vida contemplada pelas línguas (quechua e espanhol) e pela memória indígena e mestiça presentes, por exemplo: no sincretismo religioso, nas tradições dos comuneros, nos gestos cotidianos, e nas indagações existenciais do homem diante do universo, da fatalidade da queda e do insondável da morte.

Sem dúvida, trata-se de uma publicação de referência no universo artístico andino e peruano e que constitui parte do acervo de interesse latino-americano e universal.

REFERÊNCIAS

ARGUEDAS, J. M. *El zorro de arriba y el zorro de abajo*. Ed. Crít. Eve-Marie Fell. Madrid: 2 ed. ALLCAXX, 1996.

RESENHA RECEBIDA EM 15/02/2014 E APROVADA EM 08/05/2014